



FACULDADE CATÓLICA DE ANÁPOLIS
BACHARELADO EM TEOLOGIA

PE. AUGUSTO GONÇALVES PEREIRA

DEUS E A FAMÍLIA: FUNDAMENTOS DA PAZ PARA HUMANIDADE

ANÁPOLIS – GO

2015

PE. AUGUSTO GONÇALVES PEREIRA

DEUS E A FAMÍLIA: FUNDAMENTOS DA PAZ PARA HUMANIDADE

Trabalho de Conclusão de Curso para a obtenção do diploma de graduação no curso de bacharelado de Teologia na disciplina TCC da Faculdade Católica de Anápolis.

Orientador: Prof Dr. Fr. Flávio Pereira Nolêto, O.F.M.

ANÁPOLIS - GO

2015

FOLHA DE APROVAÇÃO

PE. AUGUSTO GONÇALVES PEREIRA

DEUS E A FAMÍLIA: FUNDAMENTOS DA PAZ PARA HUMANIDADE

Trabalho de Conclusão para obtenção de diploma de graduação no Curso de Teologia da Faculdade Católica de Anápolis, apresentado em ___ de _____ de ____ e aprovado com a nota ____

BANCA EXAMINADORA

1. _____
2. _____
3. _____

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho
A José Gonçalves da Silva (*in
memoriam*), um pai, amigo, professor,
exemplo de coragem e amor a família.

AGRADECIMENTOS

A Deus, a Virgem Maria e São José, pela graça da perseverança.
A Faculdade Católica de Anápolis, pela qualidade de ensino.
A minha família, pelo apoio.
Aos meus irmãos em Cristo, pelas orações.
A meu orientador pela dedicação e incentivo.
A todo corpo docente da Faculdade, pela seriedade.
Aos funcionários da supracitada Instituição, pelo zelo.

Se você destruir no homem a fé em sua própria imortalidade, não apenas seu amor vai cessar, mas também até mesmo a sua força para continuar a viver neste mundo.
(DOSTOIÉVSKI)

RESUMO

Deus é o autor da paz, portanto para que a sociedade possa conseguir gozar de uma verdadeira paz precisa recorrer ao auxílio divino, como causa primeira. A busca da paz, em detrimento do seu autor, leva o indivíduo à crise existencial, pois se fechando ao dom do alto o homem perde-se em seu próprio raciocínio, por vezes falho. Além da necessidade do auxílio de Deus, como causa primeira da paz, é indispensável a participação da família, célula mãe da sociedade, como educadora dos valores éticos, morais, cívicos e religiosos, uma vez que é na família que o indivíduo vai aprendendo a viver em sociedade. Haja vista que muitos dos problemas pelos quais a sociedade passa atualmente deve-se a uma crise de fé e também a fragmentação da família. Portanto, Deus e a família são os fundamentos indispensáveis na conquista da verdadeira paz para a humanidade.

Palavras-chave: Deus, Família, Paz, Violência, Guerra.

ABSTRACT

God is the author of peace, so that society can achieve and enjoy true peace to resort to divine help, as a first cause. The quest for peace, to the detriment of the author, takes the individual existential crisis, because if closing the gift from above the man is lost in his own reasoning, sometimes flawed. Besides the need for the aid of God as the first cause of peace, it is essential the family participation, mother cell of society as an educator of ethical, moral, civic and religious values, as it is in the family that the individual will learn to live in society. Considering that many of the problems for which the company is currently undergoing are due to a faith crisis and also family fragmentation. Therefore, God and family are the foundations indispensable in achieving true peace to mankind.

Keywords: God, Family, Peace, Violence, War.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

apud – citado por

AT – Antigo Testamento

NT – Novo Testamento

LXX – Septuaginta

ed. – edição

n. – número

p. – página

pp. – páginas

s.n. – *sine nomine* = sem nome (da editora)

ss – seguintes

séc. – século

v. – versículo

SUMÁRIO

| | |
|---|-----------|
| INTRODUÇÃO..... | 12 |
| 1O CONCEITO DE PAZ..... | 13 |
| | |
| 2DEUS: CAUSA PRIMEIRA DA PAZ..... | 15 |
| 2.1 NA SAGRADA ESCRITURA..... | 15 |
| 2.1.1No Antigo Testamento..... | 15 |
| 2.1.2No Novo Testamento..... | 16 |
| 2.2SEGUNDO O MAGISTÉRIO DA IGREJA..... | 17 |
| 2.2.1Na perspectiva da carta encíclica <i>Pacem in terris</i> | 17 |
| 2.2.2Nos ensinamentos do Catecismo da Igreja Católica..... | 19 |
| 2.3COM RELAÇÃO À HUMANIDADE COMO UM TODO..... | 20 |
| 2.4 A IMPORTÂNCIA DA FÉ EM DEUS PARA A CONQUISTA DA PAZ...22 | |
| 2.4.1Consequências da falta de fé..... | 22 |
| 2.4.2A fé como luz norteadora para os caminhos do homem..... | 24 |
| | |
| 3A FAMÍLIA E A PAZ..... | 25 |
| 3.1A FAMÍLIA COMO CÉLULA VITAL DA SOCIEDADE..... | 25 |
| 3.2O PAPEL DA FAMÍLIA NA EDUCAÇÃO..... | 26 |
| 3.3A VIOLÊNCIA COMO REFLEXO DA DESESTRUTURA FAMILIAR.... | 28 |
| 3.3.1 Noção de violência e suas consequências..... | 28 |
| 3.3.1.1Gráfico com índice de violência por ‘causas externas’ segundo causa (óbitos por 100 mil) população total do Brasil. 1980/2011..... | 29 |
| 3.3.1.2 Gráfico com índice de violência por ‘causas externas’ em porcentagem..... | 30 |
| 3.3.1.3Gráfico com evolução das taxas de homicídio e mortes no trânsito. Brasil: 1980/2011..... | 30 |
| 3.3.2 Fatores geradores de violência..... | 31 |

3.3.3 Desestrutura familiar e violência.....33

CONSIDERAÇÕES FINAIS.....36

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....38

INTRODUÇÃO

“Deixo-vos a paz, dou-vos a minha paz. Não vo-la dou como o mundo a dá” (Jo 14, 27).

A presente obra procura tratar de um tema bastante atual e, por vezes, controverso no mundo hodierno. Apesar de tantas guerras que a humanidade já travou e que infelizmente ainda persistem em muitas regiões do mundo seja em grandes ou pequenas proporções, que envolvem um meticuloso arsenal bélico ou apenas profundos conflitos existenciais, o tema da paz ganha uma abrangência quase que inesgotável.

No entanto, este trabalho não ambiciona, de forma alguma, esgotar um tema tão vasto em suas aplicações e conclusões, mas almeja mostrar ao leitor – partindo de uma conceituação filosófico-teológica de paz – que tentar alcançar a verdadeira paz excluindo Deus, como causa primeira, e a família (célula vital da sociedade) seria um intento que paulatinamente levaria a frustração e ao desastre.

O mesmo há de se desenvolver sob a ótica de que a paz não pode simplesmente ser concebida apenas como a ausência da guerra, mas como aquela que proporciona a valorização da vida, da liberdade e da justiça. Entretanto, onde se poderia aprender sobre esses valores? Qual seria a primeira escola onde a pessoa poderia entender sobre o significado de paz, vida, solidariedade, perdão senão na família?!

Portanto, à luz da premissa – Deus e a Família, fundamentos da paz para humanidade – o presente trabalho procura mostrar a importância de Deus e da família para se alcançar uma verdadeira paz na sociedade, sendo que a tentativa de exclusão desses dois fundamentos ou seu mau entendimento implica, dentre outras coisas, num esvaziamento do próprio conceito de paz.

1 O CONCEITO DE PAZ

Cícero formulou a mais famosa definição de paz em sua obra *Filípicas*: *Pax est tranquila libertas* [A paz é a tranquilidade na liberdade] (CÍCERO *apud* ABBAGNANO, 2012, p. 869). Para Hobbes, a paz seria a cessação do estado de guerra, ou de um conflito entre os homens; segundo o mesmo a paz seria a primeira lei da natureza. Tanto Hobbes como Kant eram da opinião que a paz entre os homens não é algo natural e precisa ser instituída. Segundo Whitehead, “a paz é um conceito metafísico, a harmonia das harmonias que aplaca a turbulência destrutiva e completa a civilização” (WHITEHEAD *apud* ABBAGNANO, 2012, p. 869).

Com efeito, a paz poderia ser concebida não somente como ausência de guerra, mas também como aquela que proporciona “a realização de valores como a vida, a liberdade, a justiça, a solidariedade etc” (AGOSTINHO, 2003, p. 54).

Santo Agostinho asseverava que “a perfeição reside na paz em que não há resistência nenhuma” (2003, p. 54). Desta forma, o santo elucida que os filhos são pacíficos porque em Deus “nada resiste” (AGOSTINHO, 2003, p. 54). Mantendo a ordem em si mesmos – tanto do corpo como da alma –, uma vez que configurados ao seu Criador, permanecem em paz, porque “tendo domadas as concupiscências da carne se transformam em reino de Deus” (AGOSTINHO, 2003, p. 54).

Com efeito, o Bispo de Hipona, na obra *Cidade de Deus*, faz uma série de distinções da paz na sua relação com a criação para depois chegar a uma definição mais específica a respeito da paz em si. Um ponto crucial é que em todos os aspectos com os quais a paz é aplicada se pressupõe a ordem das coisas. Por isso, a conclusão do santo no concernente a definição de paz vai ser justamente: “A paz de todas as coisas é a tranquilidade da ordem” (AGOSTINHO, 2004, pp.588-589). Como podemos apreender:

A paz do corpo é a ordem harmoniosa de suas partes. A paz da alma irracional é a ordenada quietude de suas apetências. A paz da alma racional é o acordo ordenado entre pensamento e ação. A paz entre a alma e o corpo é a ordem da vida e a saúde no ser vivente. A paz do

homem mortal com Deus é a obediência bem ordenada segundo a fé na lei eterna. A paz entre os homens é a concórdia bem ordenada. A paz doméstica é a concórdia bem ordenada no mandar e obedecer entre os que convivem juntos. A paz de uma cidade é a concórdia bem ordenada no governo e na obediência de seus cidadãos. A paz da cidade celeste é a sociedade perfeitamente ordenada e perfeitamente harmoniosa no gozar de Deus e no mútuo gozo em Deus. A paz de todas as coisas é a tranquilidade da ordem. E a ordem é a distribuição dos seres iguais e diversos atribuindo a cada um o seu lugar (AGOSTINHO, 2004, pp.588-589).

Agostinho, por conseguinte, considera que são miseráveis aqueles que não estão em paz justamente por não gozarem desta tranquilidade na ordem. Não estando unidos aos bem-aventurados por estarem fora desta ordem. Portanto, para o bispo de Hipona, o escusar-se da ordem das coisas leva a falta de tranquilidade, a desordem, tornando aquele que assim procede infeliz, miserável por não estar em verdadeira paz (AGOSTINHO, 2004, pp.588-589).

O Magistério da Igreja ressalta que a paz, antes mesmo de ser dom ou projeto divino, é um atributo de Deus “*lahweh-shalom* [Senhor-paz]” (Jz 6,24), ressaltando que paz tem o seu fundamento na relação do homem com o seu Criador, Deus. Asseverando que o rompimento do homem com esta ordem estabelecida por Deus para a criação gera violência que macula as relações interpessoais e sociais (COMPÊNDIO DA DOCTRINA SOCIAL DA IGREJA, 2005, p.273).

Desta forma, elucida que paz e violência não coadunam, uma vez que “onde há violência, Deus não pode estar” (1Cr 22, 8-9). Isto porque por ser um atributo divino, Deus é quem concede a verdadeira paz ao homem. Assim, a paz é efeito da benção de Deus para humanidade, enquanto permanece devidamente na ordem da criação, como já elucidava Santo Agostinho.

Assim, a paz pressupõe a presença daquele que a concede, Deus. Sendo que Ele é o próprio autor da paz. Tentar excluir esta ‘premissa’ fundamental leva conseqüentemente a desestrutura social, uma vez que o homem não tendo mais uma norma segura, passa a confiar-se mais na razão que, por vezes falha. Correndo o grave risco de julgar as situações na ótica de ‘seus direitos’ em detrimento do dos outros.

2DEUS: CAUSA PRIMEIRA DA PAZ

2.1 NA SAGRADA ESCRITURA

2.1.1 No Antigo Testamento

A palavra hebraica **שָׁלוֹם** (shalom) possui um significado muito vasto e de difícil tradução para outras linguas. Os LXX (setenta) procuraram transcrever a tradução de *shalom* em praticamente 25 (vinte e cinco) formas diferenciadas, no entanto a tradução que se sobressaiu foi a expressão grega *εἰρήνη* (eirene). Esta palavra encontra-se na Sagrada Escritura, entre os dois testamentos, por aproximadamente 549 (quinhentas e quarenta e nove vezes) nos seus mais diversos contextos.

Shalom vai aparecer já no primeiro livro da Bíblia: o Genesis (15,15), quando Deus faz uma promessa a Abraão que ele descansará em paz com os seus antepassados, após uma velhice feliz. Isto porque Abraão, num gesto de fé incondicional em Deus, partiu sem reservas para uma terra estrangeira enfrentando numerosas provações apoiado simplesmente na palavra divina, a tal ponto que o mesmo é chamado nosso pai na fé.

No livro do Levítico, o Senhor promete a paz se o povo observar fielmente seus mandamentos e preceitos, não buscando o culto a deuses pagãos. Aqui a paz ganha o sentido de ausência de guerra e perigos mortais: “Eu farei reinar a paz no país e vocês dormirão sem alarmes de guerra. Farei desaparecer do país as feras, e a espada não passará pelo país”(26,6).

O salmo de Davi (29,11) vai acentuar que o Senhor há de abençoar o povo e lhe concederá a paz. Ressaltando os favores divinos pelo povo, o profeta Isaías ressalta que o Senhor governará o seu povo na paz, uma vez que Deus realiza as boas obras no meio de seu povo: “Javé, tu nos governarás na paz, pois és tu quem realiza tudo o que fazemos”(Is 26,12). Ainda em Isaías, faz-se uma clara referência de Deus como autor da paz: “eu formo a luz e crio as trevas; sou o autor da paz e crio a desgraça. Eu, Javé, faço todas essas coisas”(45,7).

Desta forma, dentre os seus ricos significados, a Sagrada Escritura toma o termo *shalom*, para asseverar a paz como um dom de Deus. Ainda no Antigo Testamento, esta mesma paz ganha o sentido de esperança na salvação (cf. Sb 3,3). No sentido escatológico, os profetas do Antigo Testamento vão apontar a paz verdadeira como sinal dos tempos messiânicos.

Portanto, já no AT percebemos que a Sagrada Escritura ressalta Deus como o principal autor da paz, de tal forma que se afastar dos mandamentos e preceitos divinos implica em trazer para si e para o povo a própria espada ou guerra, mas num sentido ainda mais transcendente a falta desta paz (**οὐλοψ**) implicaria na própria perdição eterna.

2.1.2 No Novo Testamento

O Novo Testamento vai seguir a mesma linha do AT, como outrora dito os profetas já anunciavam a verdadeira paz como um sinal dos tempos messiânicos o que é representado pelo profeta Isaías (11,6-9; 35,9).

A paz é característica do reino messiânico (Lc 1,78; 2,14). Os setenta discípulos devem levar uma mensagem de paz (Mt 10,13; Lc 10,5); o próprio Jesus traz a paz (Jo 14,27). [...] A florescência da jovem comunidade cristã é chamada 'paz' (At 9,31). Foi São Paulo quem elaborou mais as idéias proféticas sobre o Messias como príncipe da paz. Deus é o 'Deus da paz' (Rom 15, 33; 16,20; 1Cor 14,33). Ele dá essa paz através de seu filho, Jesus Cristo (Flp 1,2; Col 1,20; cf. At 10,36). Por isso, Jesus Cristo é 'a nossa paz' (Ef 2,14), que destruiu o muro entre os judeus e os gentios, trazendo a paz para todos (2, 14-18). É pela união com Cristo que o homem se torna partícipe dessa paz (cf. 1Pdr 5,14; Flp 4,7). Ela é um fruto do Espírito Santo (Gál 5,22) e da justificação (Rom 5,1). S. Paulo, portanto, reassume a antiga idéia da Aliança: pelo sangue de Cristo, Deus reconcilia consigo a humanidade, e conclui com ela uma Aliança nova e eterna (Hbr 13,20); mas a paz assim estabelecida é um livre dom de Deus, diante do qual o homem não está mais como contratante em pé de igualdade (Rom5,1)(DICIONÁRIO ENCICLOPÉDICO DA BÍBLIA, 2004, p.1149).

Com efeito, a verdadeira paz – assevera o Novo Testamento – é possível ao homem a partir de sua união com Cristo. Destarte, o homem possui este *shalom* (*εἰρήνη*) na medida de sua comunhão com Deus, daí se conclui que é o próprio Deus quem concede a verdadeira paz às nações, mas de maneira particular ao coração do homem: “Eu deixo para vocês a paz, eu lhes dou a minha paz. A paz que eu dou para vocês não é a paz que o mundo dá. Não fiquem perturbados, nem tenham medo”(Jo 14,27). A tal ponto que

possuindo desta paz, o homem tenha a verdadeira tranquilidade para seguir sua vida sem perturbações e nem medos.

Portanto, “a paz com Deus é causa e cume de toda paz. [Sendo] vã e enganadora qualquer paz no mundo que não se baseie na paz divina”(OS SANTOS EVANGELHOS, 1994, p.158). Desta forma, há de ficar claro que a busca de uma paz que não tenha Deus como centro e, portanto, como principal artífice, cai num vazio de significado.

2.2 SEGUNDO O MAGISTÉRIO DA IGREJA

2.2.1 Na perspectiva da carta encíclica *Pacem in terris*

O Papa São João XXIII já elucidara que: “A paz na terra, anseio profundo de todos os homens de todos os tempos, não se pode estabelecer nem consolidar senão no pleno respeito da ordem instituída por Deus” (PACEM IN TERRIS, 1963, n.1). Neste sentido, pode-se entender que uma busca de paz fora dos parâmetros divinos já estaria por si mesma ‘condenada’ a caducidade diante das investidas controversas do tempo.

São João XXIII deixara claro, então, a transcendentalidade do homem e, portanto, a necessidade de o mesmo, à luz dos preceitos divinos, pautar toda sua caminhada neste mundo – de maneira particular – como promotor da paz.

Por isso, o estabelecimento e a consolidação da paz pressupõem o pleno respeito à lei eterna, como afirmara santo Tomás de Aquino:

Que a razão humana seja regra da vontade humana, pela qual sua bondade é medida, procedeessa regra da lei eterna, que é a razão divina, [portanto] é evidente que muito mais depende a bondade da vontade humana da lei eterna, do que da razão humana, e quando falha a razão humana, é necessário recorrer à lei eterna(SUMA TEOLÓGICA, 2003, p.265).

Santo Tomás de Aquino, em outras palavras, atesta que a vontade humana, mesmo regida pela razão humana, que mede sua bondade, tem sua regra não da própria razão humana, mas sim da lei eterna que é a razão divina, como causa primeira. O que leva a concluir que a bondade de nossos atos não se encerra em nossa razão humana, mas sim na lei eterna, a tal ponto que

mesmo diante de um defeito da razão humana, é preciso recorrer à lei eterna, como causa primeira.

Ora, à medida que alguém procura deixar-se iluminar por esta lei eterna, dificilmente coadunará com a agressividade, ou atitudes similares. Assim apontava a *Pacem in Terris*:

A ordem que há de vigorar na sociedade humana é de natureza espiritual. Com efeito, é uma ordem que se funda na verdade, que se realizará segundo a justiça, que se animará e se consumará no amor, que se recomporá sempre na liberdade, mas sempre também em novo equilíbrio cada vez mais humano(1963, n.37).

João XXIII ainda alertava para um erro que se avigorava cada vez mais já no seu tempo que era a convicção acerca das leis e forças irracionais do universo como elementos reguladores da convivência entre os indivíduos, ou seja, o homem não teria uma lei eterna que iluminaria sua razão e, portanto, orientaria a sua vontade a prática do bem, mas o mesmo – ao contrário – seria a razão suficiente da própria bondade, uma vez que sua razão se amoldaria pelas leis irracionais do universo. Por isso, enfatiza o Santo Papa: “Mas a verdade é que, sendo leis de gênero diferente, devem-se buscar apenas onde as inscreveu o Criador de todas as coisas, a saber, na natureza humana”(PACEM IN TERRIS, 1963, n.6).

A grande questão que devemos sempre vislumbrar ao tratarmos da paz é que a mesma tem sua riqueza de significado naquele cujo um dos atributos é justamente este “Príncipe da Paz” (Is 9,6): Jesus Cristo. Foi o próprio Cristo que nos deixou sua paz (cf. Jo 14,27), no entanto esta conta com uma natureza totalmente permeada pela divindade e, portanto, totalmente diferente da incoerente noção de paz que contemplamos em nosso cotidiano.

Se quisermos trabalhar com seriedade na promoção da paz não podemos deixar de recorrer ao Criador de todas as coisas e nessa perspectiva passarmos adiante, uma vez que o homem, dotado de inteligência e vontade, é um ser espiritual e isto não pode ser colocado como algo acidental.

A pessoa humana, criada à imagem de Deus, é um ser ao mesmo tempo corporal e espiritual. O relato bíblico exprime esta realidade com uma linguagem simbólica, ao afirmar que ‘O Senhor Deus modelou o homem com a argila do solo, insuflou em suas narinas um hálito de vida e o homem se tornou um ser vivente’ (Gn 2,7).

Portanto, o homem em sua totalidade é querido por Deus' (CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA, 1999, n. 362).

A carta encíclica enfatiza a necessidade de se recorrer ao auxílio do alto, para que realmente a sociedade humana possa, de fato, ser um “espelho o mais fiel possível do Reino de Deus”(PACEM IN TERRIS, 1963, nº167), uma vez que este Reino é de paz, verdade e justiça, no sentido mais pleno da palavra. Com efeito, ao elucidar a precipuidade de buscar o auxílio do alto, o sumo pontífice insiste na verdade de Deus como verdadeiro doador e fundamento da verdadeira paz para a humanidade.

Por isso, o Pontífice vai asseverar: “Esta paz, peçamo-la com ardentes preces ao Redentor divino que no-la trouxe”(PACEM IN TERRIS, 1963, n.170), em outras palavras, São João XXIII ensina a todos a pedirem a paz primordialmente Àquele que tem condições de concedê-la ao homem em plenitude, a tal ponto que inversão desta ordem pode implicar no esvaziamento de sentido da mesma, tornando-se até mesmo um desejo mais ideal, embebido de utopia, do que de fato algo real ou realizável.

2.2.2 Nos ensinamentos do Catecismo da Igreja Católica

O respeito e o desenvolvimento da vida humana exigem a paz. A paz não é somente ausência de guerra e não se limita a garantir o equilíbrio das forças adversas. A paz não pode ser obtida na terra sem a salvaguarda dos bens das pessoas, sem a livre comunicação entre os seres humanos, o respeito pela dignidade das pessoas e dos povos, a prática assídua da fraternidade. E a ‘tranquilidade da ordem’, ‘obra da justiça’ (Is 32,17) e efeito da caridade(CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA, 1999, n. 2304).

O catecismo, portanto, indica que a salvaguarda da dignidade das pessoas exige a paz que, em si não implica simplesmente em ausência de guerra, mas na verdade, antes do mais, no respeito à dignidade de cada indivíduo e no exercício ininterrupto da caridade (1999, n. 2304).

No entanto, enfatiza o catecismo, a paz na terra é um sinal e fruto da paz que nos é concedida pelo próprio Jesus Cristo(1999, n. 2305), que na sua paixão reconciliou a humanidade consigo, comunicando-a a verdadeira paz. Destarte, ensina que a paz, no seu sentido mais profundo, é concedida pelo próprio Senhor que, no seu amor e misericórdia, vem em auxílio das

necessidades do homem e, restaurando sua dignidade, devolve-lhe a paz outrora perdida por causa do pecado.

Com efeito, o catecismo elucida que a paz é um dom do próprio Deus que ao chamar cada pessoa à verdadeira vida – o que podemos entender como vida na graça – concede os frutos do Seu Espírito que são: amor, alegria, paz, longanimidade, benignidade, bondade, fidelidade, mansidão, autodomínio (Gl 5,22-23). Sendo que à medida que alguém procura viver conforme este Espírito de Deus, conseguirá usufruir de maneira mais perfeita destes dons.

Aqui já podemos perceber de maneira mais clara que a paz, antes de ser fruto de um empenho meramente humano, na verdade está intimamente ligada a Deus como seu autor e doador. Assim, recorrer aos auxílios divinos implica em haurir a profunda paz que somente Deus pode dar. O que pode ser expresso pela seguinte frase: “Aquele que vai subindo jamais cessa de progredir de começo em começo, por começos que não têm fim. Aquele que jamais cessa de desejar aquilo que já conhece”(CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA, 1999, n. 2015).

2.3 COM RELAÇÃO À HUMANIDADE COMO UM TODO

O Papa Francisco, fazendo referência a saudação de Jesus aos seus discípulos diante da proximidade da paixão: “Deixo-vos a paz, minha paz vos dou. Não vo-la dou como o mundo a dá” (Jo 14, 27), ressalta que esta paz prometida pelo Senhor transcende a uma concepção meramente humana, uma vez que a mesma é “o fruto da vitória do amor de Deus sobre o mal, é o fruto do perdão. E assim é: a verdadeira paz, aquela profunda, vem de fazer a experiência da misericórdia de Deus” (PAPA FRANCISCO, 2013).

Com efeito, o sumo pontífice ressalta que as palavras de Jesus, agora ressuscitado, dirigidas aos seus discípulos: “A paz esteja convosco” (Jo 20,19. 21.26). Já não têm um caráter de simples saudação ou voto, mas sim “[são] um dom, mais ainda, um dom precioso que Cristo oferece aos seus discípulos depois de ter atravessado a morte e os infernos”(PAPA FRANCISCO, 2013).

Desta forma, a paz que Cristo oferece aos discípulos e a toda humanidade é capaz de transformar a vida daqueles que a recebem.É

importante ressaltar que o contexto desta perícopa de Jo 20, 19ss é que os discípulos estavam reunidos e com medo das autoridades judaicas. De certa forma, poderíamos dizer, estavam com o coração aflito diante de tantos tormentos que haviam experimentado por causa da paixão e morte de Jesus Cristo, em outras palavras, estavam temerosos porque não tinham consigo Aquele que lhes comunicava o dom da paz.

Assevera o Papa Francisco: “Cristo Ressuscitado porque Ele é a nossa paz. Ele fez a paz com seu amor, com o seu perdão, com o seu sangue e com a sua misericórdia” (PAPA FRANCISCO, 2013). Isto é tão veraz que o medo dos discípulos se converte em contentamento (alegria consoladora), quando o Senhor coloca-se no meio deles e lhes dirige a palavra: “Ficou no meio deles e disse: ‘A paz esteja com vocês’. Dizendo isso, mostrou-lhes as mãos e o lado. Então os discípulos ficaram contentes por ver o Senhor” (Jo 20, 19b-20).

O acento de São João é muito significativo: “Ficou no meio deles”(Jo 20, 19), pois esta presença dirime a falta de paz e a inquietude de espírito dos discípulos. Assim, de forma velada, o apóstolo acentua o que a presença do Senhor proporciona na vida dos discípulos e, portanto, significa em suas vidas: a paz que gera felicidade.

Desta forma, podemos entender que o homem, quando encerrado em si mesmo, entra em grave perigo de lutar sozinho contra os seus medos e se perde nos caminhos da vida. Buscando na sua aflição soluções, por vezes efêmeras e vazias, aos problemas inerentes a vida que tendem a mergulhá-lo num poço ainda mais profundo e, em não poucos casos, gerando violência e até mesmo a guerra.

Por isso, o Papa afirma que a paz verdadeira e profunda vem da experiência que o homem faz da misericórdia de Deus, uma vez que “Jesus Cristo é o amor de Deus encarnado”(PAPA FRANCISCO, 2013), sendo Ele – o próprio Senhor – a fonte da verdadeira paz.

Nesta linha de pensamento, o sacerdote José Murga enfatiza que:

Deus reina comunicando a paz no profundo [íntimo] do homem [...]. A Bondade de Deus é na realidade o seu poder, o que é poder de Deus é na realidade sua Bondade. A revelação divina se inclina, a meu juízo, com clareza a esta segunda alternativa, a única, por outro

lado que dá paz ao coração do homem (MURGA, 1991, pp. 166 e 366).

O reinado de Deus consiste em comunicar a sua paz ao coração do homem. Então, à medida que o homem, reconhecendo esta verdade, busca sinceramente a Deus, encontra a resposta para os seus anseios mais profundos e, em última análise, encontra a paz para sua vida. Pe. José Murga elucida que o poder de Deus se perfaz na sua infinita bondade e é esta certeza que acalenta o coração do homem.

Com efeito, quanto mais o homem permite esta aproximação de Deus em sua vida e, por outro lado, busca-o de todo o seu coração dá a possibilidade para que o Senhor restaure sua vida na sua raiz mais profunda trazendo “paz e sossego para [sua] tribulação e [suas] crises” (MURGA, 1991, p.304). Assim, faz-se mister à humanidade buscar na fonte da paz, Deus, a resposta para os seus maiores anseios.

Destarte, a educação para a pazurge – principalmente no contexto no qual estamos inseridos – de uma formação segundo os princípios da lei eterna que, como outrora dito, tem mais crucial influência na bondade da vontade humana do que a própria razão humana, uma vez que aquela (lei eterna) ilumina esta. Levando-se em conta, conforme afirmara o filósofo Nicola Abbagnano, que “a guerra nasce na mente dos homens” (2012, p. 869).

É preciso, portanto, um esmerado esforço para formarmos a consciência de nossa juventude sobre a grande vantagem e bondade em se trabalhar pela paz, uma vez que quem primeiramente lucra com a mesma é o próprio sujeito que nela trabalha e logo em seguida o todo, ou seja, a sociedade, “pois, quando numa pessoa surge a consciência dos próprios direitos, nela nascerá forçosamente a consciência do dever”(PACEM IN TERRIS, 1963, n. 44).

Neste aspecto, assim concluía *Pacem in terris*:

Somente haverá paz na sociedade se esta estiver presente em cada um de seus membros, se em cada um se instaurar a ordem querida por Deus. Assim já asseverava Santo Agostinho ao homem: ‘Quer a tua alma vencer tuas paixões? Submeta-se a quem está no alto e vencerá o que está em baixo. E haverá paz em ti, paz verdadeira, segura, ordenadíssima. Qual é a ordem dessa paz? Deus comandando a alma, a alma comandando o corpo. Nada mais ordenado’ (PACEM IN TERRIS, 1963, n. 164).

2.4 A IMPORTÂNCIA DA FÉ EM DEUS PARA A CONQUISTA DA PAZ

2.4.1 Consequências da falta de fé

Se você destruir no homem a fé em sua própria imortalidade, não apenas seu amor vai cessar, mas também até mesmo a sua força para continuar a viver neste mundo. Assim, não haverá nada de imoral; tudo será permitido, até mesmo a antropofagia. [...] para toda pessoa que não acredita em Deus nem na imortalidade, a lei moral da natureza deveria tornar-se, imediatamente, o inverso absoluto da lei religiosa anterior; que o egoísmo, mesmo levado até a maldade, deveria não apenas ser autorizado, mas reconhecido como uma saída necessária, a mais razoável, quase a mais nobre (DOSTOIÉVSKI, 2013, p. 85)¹.

Não havendo nada mais de sobrenatural, as decisões hão de ser tomadas segundo critérios meramente humanos, sujeitos a falhas das quais a natureza humana não está isenta. Assim, a maldade, antes rechaçada, passaria a ser a “saída mais necessária e mais razoável” (DOSTOIÉVSKI, 2013, p. 86) para solução das coisas. O que tornaria a convivência entre os homens sempre mais conflituosa.

Por isso, o homem precisa de uma referência que o ajude a não se perder no caminho. Uma luz capaz guiá-lo nas incertezas da vida, a fim de que sua vida não perca sentido e o mesmo não se esvaia num vazio existencial. Nos tempos atuais, defende-se a ideia de que a fé já é uma coisa ultrapassada, uma vez que a mesma, que um dia foi muito útil aos antigos, na modernidade – contudo – apresenta-se como “uma luz ilusória” (LUMEN FIDEI, 2013, n. 2) a qual se torna um obstáculo para que o homem cresça na sabedoria.

Conforme aponta *Lumen Fidei*, essa concepção fica clara no diálogo de Nietzsche com sua irmã Elizabeth: “Neste ponto, separam-se os caminhos da humanidade: se queres alcançar a paz da alma e a felicidade, contenta-te com a fé; mas, se queres ser uma discípula da verdade, então investiga” (NIETZSCHE *apud* LUMEN FIDEI, 2013, n. 2). Desta forma, a fé seria um empecilho para a conquista da verdade. Portanto, ter fé implicaria em trilhar um caminho de escuridão e ignorância.

¹Este trecho é atribuído a um dos personagens (Ivan Fiódorovitch Karamázov) da obra *Os irmãos karamázov* de Dostoiévski. No entanto, o mesmo retrata muito bem as consequências da falta de fé na vida do homem. Inicialmente a perda da fé leva o homem à falta de amor, levando-o a uma crise existencial.

Os renascentistas, seguindo o sobredito raciocínio, tacharam a Idade Média (séc. V-XV) – um dos períodos mais brilhantes da história, onde emergiram as universidades, amoldaram-se as teorias administrativas, a logística do urbanismo etc. Tendo como célebres filhos: São Gregório Magno (540-604), Santo Tomás de Aquino (1225-1274), Santo Agostinho (354-430), Dante Alighieri (1265-1321), Geoffrey Chaucer (1340-1400) etc. – como Idade das Trevas ou tempo de escuridão para o povo. O que, na verdade, foi totalmente o contrário ao se constatar as profundas e basilares contribuições, tanto a nível intelectual, como moral e ético que emergiram naquele tempo.

Neste sentido, a carta encíclica *Lumen Fidei* ressalta o quão é perigoso para o homem tentar pautar sua vida sem a virtude da fé, concebendo-a como um andar no escuro, simplesmente orientando-se por sua própria razão, limitada, caindo no vazio de sua própria existência, por não encontrar respostas que somente a luz da fé poderia lhe proporcionar. Acentuando que a falta da luz, que brota da fé, deixa o homem na escuridão e, na confusão de sua vida, perde-se em falsos caminhos:

Por este caminho, a fé acabou por ser associada com a escuridão. E, a fim de conviver com a luz da razão, pensou-se na possibilidade de a conservar, de lhe encontrar um espaço: o espaço para a fé abria-se onde a razão não podia iluminar, onde o homem já não podia ter certezas. Deste modo, a fé foi entendida como um salto no vazio, que fazemos por falta de luz e impelidos por um sentimento cego, ou como uma luz subjetiva, talvez capaz de aquecer o coração e consolar pessoalmente, mas impossível de ser proposta aos outros como luz objetiva e comum para iluminar o caminho. Entretanto, pouco a pouco, foi-se vendo que a luz da razão autônoma não consegue iluminar suficientemente o futuro; este, no fim de contas, permanece na sua obscuridade e deixa o homem no temor do desconhecido. E, assim, o homem renunciou à busca de uma luz grande, de uma verdade grande, para se contentar com pequenas luzes que iluminam por breves instantes, mas são incapazes de desvendar a estrada. Quando falta a luz, tudo se torna confuso: é impossível distinguir o bem do mal, diferenciar a estrada que conduz à meta daquela que nos faz girar repetidamente em círculo, sem direção (LUMEN FIDEI, 2013, n. 3).

2.4.2 A fé como luz norteadora para os caminhos do homem

De fato, a luz da fé possui um carácter singular, sendo capaz de iluminar toda a existência do homem. Ora, para que uma luz seja tão poderosa, não pode dimanar de nós mesmos; tem de vir de uma fonte mais originária, deve porvir em última análise de Deus. A fé nasce no encontro com o Deus vivo, que nos chama e revela o seu amor: um amor que nos precede e sobre o qual podemos apoiar-nos

para construir solidamente a vida. Transformados por este amor, recebemos olhos novos e experimentamos que há nele uma grande promessa de plenitude e se nos abre a visão do futuro. A fé, que recebemos de Deus como dom sobrenatural, aparece-nos como luz para a estrada orientando os nossos passos no tempo (LUMEN FIDEI, 2013, n. 4).

A carta encíclica acentua um caráter singular da fé, que é o de “iluminar a toda existência do homem”(LUMEN FIDEI, 2013, n. 4), isto o prólogo do Evangelho de São João já enfatizara: “e a luz brilha nas trevas, e as trevas não a compreenderam” (1,5). Esta luz não pode ser entendida simplesmente no aspecto físico, porque de fato não é isso, pois é Luz, é Cristo. A sua vinda, portanto, traz esta luz consigo e este fato dissipa a escuridão que reinava no coração do homem.

Daí, entendemos que aceitar a luz da fé implica em permitir a presença de Deus na própria vida. A *Lumen Fidei* assevera que uma luz que é capaz de iluminar toda uma existência, não pode ser gerada por força da natureza humana, mas sim, em última instância, emana de Deus como fonte principal. Por isso, acentua que a fé nasce de um encontro pautado pelo amor entre Deus e o homem. Um amor tão absoluto que sustenta solidamente a vida de cada pessoa na sua singularidade.

Desta forma, a fé – como dom recebido de Deus – é capaz de orientar o caminho da humanidade para o certame de sua verdadeira existência. Logo, a fé é assaz um dom essencial para que de fato o homem possa encontrar a verdadeira paz em sua vida, sendo também um educador ou promotor da mesma.

3 A FAMÍLIA E A PAZ

3.1 A FAMÍLIA COMO CÉLULA VITAL DA SOCIEDADE

‘Pois que o Criador de todas as coisas constituiu o matrimônio princípio e fundamento da sociedade humana’, a família tornou-se a ‘célula primeira e vital da sociedade’. A família possui vínculos vitais e orgânicos com a sociedade, porque constitui o seu fundamento e alimento contínuo mediante o dever de serviço à vida: saem, de fato, da família os cidadãos e na família encontram a primeira escola daquelas virtudes sociais, que são a alma da vida e do desenvolvimento da mesma sociedade. Assim por força da sua natureza e vocação, longe de fechar-se em si mesma, a família abre-

se às outras famílias e à sociedade, assumindo a sua tarefa social (PAPA JOÃO PAULO II, 2004, p. 75).

São João Paulo II, conforme o magistério constante da Igreja, já apontava o matrimônio como instituição basilar para a sociedade humana, justamente porque, a partir deste, a sociedade tem o seu início, uma vez que a família gera novos cristãos e é também uma escola de virtudes sociais, que constituem o cerne, ou como vai afirmar a exortação apostólica, “a alma da vida e do desenvolvimento da sociedade” (2004, p.75).

Assim sendo, é muito difícil pensarmos numa sociedade ajustada sem considerarmos seu alicerce que é a família, pois a mesma está intimamente ligada não somente com o progresso da sociedade em seus vários aspectos, como também e, principalmente, com a sociedade em sua origem mais profunda. Por isso, o sumo pontífice usa o termo ‘vínculo vital’ para asseverar a íntima união entre família e sociedade, como duas realidades que estão profundamente entrelaçadas, uma vez que se complementam perfeitamente.

É desta célula vital, portanto, que saem os cidadãos capazes de continuar a condução da sociedade. Na família, acontece a primeira formação da consciência para prática do bem e do amor a Deus e ao próximo em contraposição ao mal e suas nefastas consequências. Desta forma, tentar formar uma sociedade em detrimento da família, seria como formar um corpo sem alma, o que pode implicar em sérios danos para a própria sociedade que, sem o seu princípio vital, pode destruir-se a si mesma.

Assevera o Papa São João Paulo II que o bom êxito das relações dos indivíduos na sociedade no que concerne ao respeito, justiça, diálogo e amor passam, antes do mais, pela “escola da sociabilidade”(PAPA JOÃO PAULO II, 2004, p. 76) que tem seu fundamento na família onde se realiza “a promoção de uma autêntica e madura comunhão de pessoas” (PAPA JOÃO PAULO II, 2004, p. 76). Enfatizando que a passagem pela ‘escola da família’ é insubstituível para a sociedade. Ainda afirma o santo pontífice:

Deste modo a família, como recordaram os Padres Sinodais, constitui o lugar nativo e o instrumento mais eficaz de humanização e de personalização da sociedade. Colabora de um modo original e profundo na construção do mundo, tornando possível uma vida

propriamente humana, guardando e transmitindo em particular as virtudes e 'os valores'. Como escreve o Concílio Vaticano II, na família 'congregam-se as diferentes gerações que reciprocamente se ajudam a alcançar uma sabedoria mais plena e a conciliar os direitos pessoais com as outras exigências da vida social' (2004, p.76).

3.20 PAPEL DA FAMÍLIA NA EDUCAÇÃO

Com a obra educativa, a família forma o homem para a plenitude da sua dignidade pessoal, segundo todas as suas dimensões, inclusive a social. A família constitui, efetivamente, 'uma comunidade de amor e de solidariedade, insubstituível para o ensino e a transmissão dos valores culturais, éticos, sociais, espirituais e religiosos, essenciais para o desenvolvimento e bem-estar de seus próprios membros e da sociedade'. Exercendo a sua missão educativa, a família contribui para o bem comum e constitui a primeira escola das virtudes sociais, de que todas as sociedades necessitam. As pessoas são ajudadas, em família, a crescer na liberdade e na responsabilidade, requisitos indispensáveis para se assumir qualquer tarefa na sociedade. Com a educação, ademais, são comunicados, para serem assimilados e feitos próprios por cada um, alguns valores fundamentais, necessários para serem cidadãos livres, honestos e responsáveis. A família tem um papel de todo original e insubstituível na educação dos filhos. O amor paterno e materno, colocando-se ao serviço dos filhos para extrair deles (*e-ducere*) o melhor de si, tem a sua plena realização precisamente na tarefa educativa: 'o amor dos pais de fonte torna-se alma e, portanto, norma, que inspira e guia toda a ação educativa concreta, enriquecendo-a com aqueles valores de docilidade, constância, bondade, serviço, desinteresse, espírito de sacrifício, que são o fruto mais precioso do amor' (COMPÊNDIO DA DOUTRINA SOCIAL DA IGREJA, 2005, pp. 145-146).

Segundo o Compêndio da Doutrina Social, a família, com sua obra essencialmente educativa, contribui para a formação integral do homem; levando-o ao alcance pleno de sua dignidade pessoal em suas amplas dimensões.

Inserido numa comunidade onde a causa primeira é o amor, já na sua essência, o homem faz a experiência de um amor verdadeiro e se torna capaz de transmitir este mesmo amor aos seus semelhantes, o que conseqüentemente gera paz ao meio e contribui para o bem comum. Porque na família, aprende as virtudes essenciais para um bom convívio na sociedade.

Com efeito, o Compêndio aponta que é justamente na família que o homem é educado na liberdade e na responsabilidade, requisitos essenciais para se poder assumir com objetividade qualquer obrigação na sociedade. Sendo a família a principal responsável na formação dos valores éticos, morais,

religiosos fundamentais, para que pessoa possa desenvolver-se sem ‘lacunas existenciais’ e contribuir para o progresso na sociedade.

Por isso, o papel da família é insubstituível na formação dos filhos, uma vez que transmitindo os valores essenciais para que qualquer pessoa possa desenvolver-se bem na sua total integridade, leva os seus membros ao melhor possível, formando uma consciência social, embasada em princípios egrégios, voltados ao bem do todo e não encerrada em si mesma. Porque o amor dos pais – prefigura do amor trinitário – transforma-se em alma inspiradora para uma promoção humana concreta para os filhos, enriquecendo-os com os mais auspiciosos princípios cristãos, éticos e morais pautados por uma liberdade ajustada e responsável.

Portanto, a família tem as condições e energia necessárias, ainda no tempo hodierno, de fazer com que o homem permaneça consciente de sua dignidade, a fim de que tenha sempre diante de si a grandeza de sua humanidade e possa contribuir positivamente para o progresso da sociedade nos diversos aspectos(PAPA JOÃO PAULO II, 2004, p. 76).

3.3 A VIOLÊNCIA COMO REFLEXO DA DESESTRUTURA FAMILIAR

3.3.1 Noção de violência e suas consequências

Violência é um **comportamento** que causa intencionalmente dano ou intimidação **moral** a outra pessoa, ser vivo ou dano a quaisquer objetos. Tal comportamento pode invadir a autonomia, integridade física ou psicológica e até mesmo a **vida** de outro. É o uso excessivo de **força**, além do necessário ou esperado. O **termo** deriva do **latim** *violentia* (que por sua vez o amplo, é qualquer comportamento ou conjunto que deriva de vis, força, vigor); aplicação de força, vigor, contra qualquer coisa. Assim, a violência diferencia-se de **força**, palavras que costuma estar próximas na língua e pensamento quotidiano. Enquanto que força designa, em sua acepção filosófica, a energia ou ‘firmeza’ de algo, a violência caracteriza-se pela ação corrupta, impaciente e baseada na **ira**, que convence ou busca convencer o outro, simplesmente o agride (WIKIPÉDIA, 2014).

A violência pode ser definida como uma ação que causa dano à ordem natural das coisas, ou as pessoas. Aristóteles fazia uma distinção entre movimento segundo a natureza e movimento por violência, sendo que o primeiro leva os elementos a sua ordem natural e o segundo afasta-os (ARISTÓTELES *apud* ABBAGNANO, 2012, p.1198).

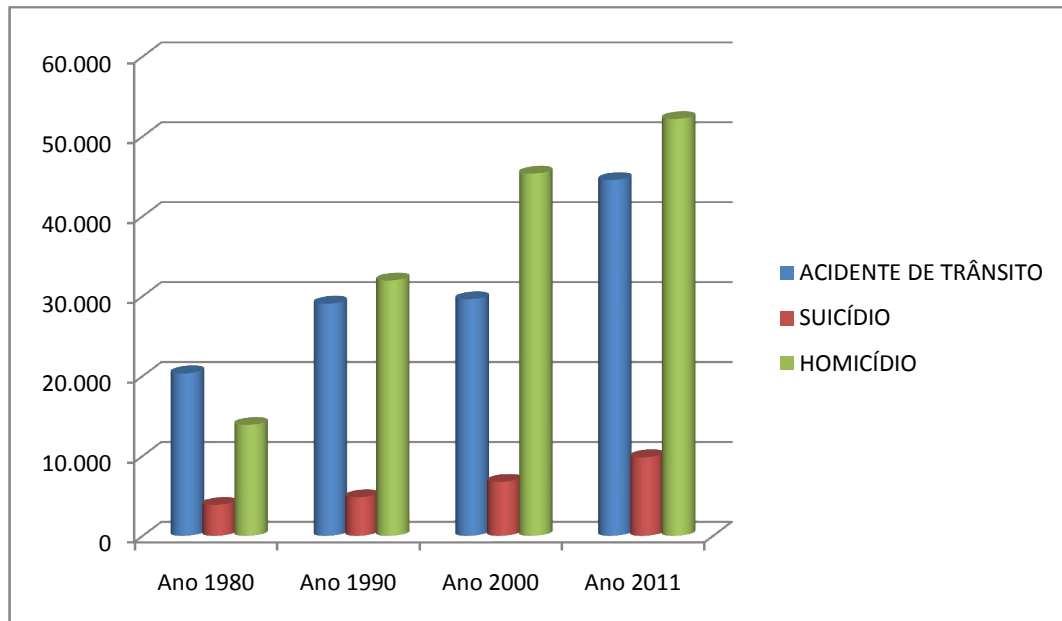
Com efeito, a violência, por ferir a ordem das coisas, causa um mal por tentar dirimir, por vezes, com o uso da força, a autonomia, integridade física, psicológica e até mesmo a vida de outrem. Esta tem a sua base na ira que é investida contra o outro, de forma desproporcional, a tal ponto de chegar a agredi-lo.

Alguns estudos históricos elaborados no Rio de Janeiro e São Paulo, a partir de seis décadas atrás, para identificar as causas das mortes – de maneira particular entre os jovens – apontou que as mesmas eram causadas mais por doenças infecciosas e epidemias, no entanto isto foi mudando drasticamente. As mortes passaram a crescer devido a novas causas denominadas ‘causas externas’ de maneira particular devido a acidentes de trânsito e homicídios (WAISELFISZ, 2013, p.13).

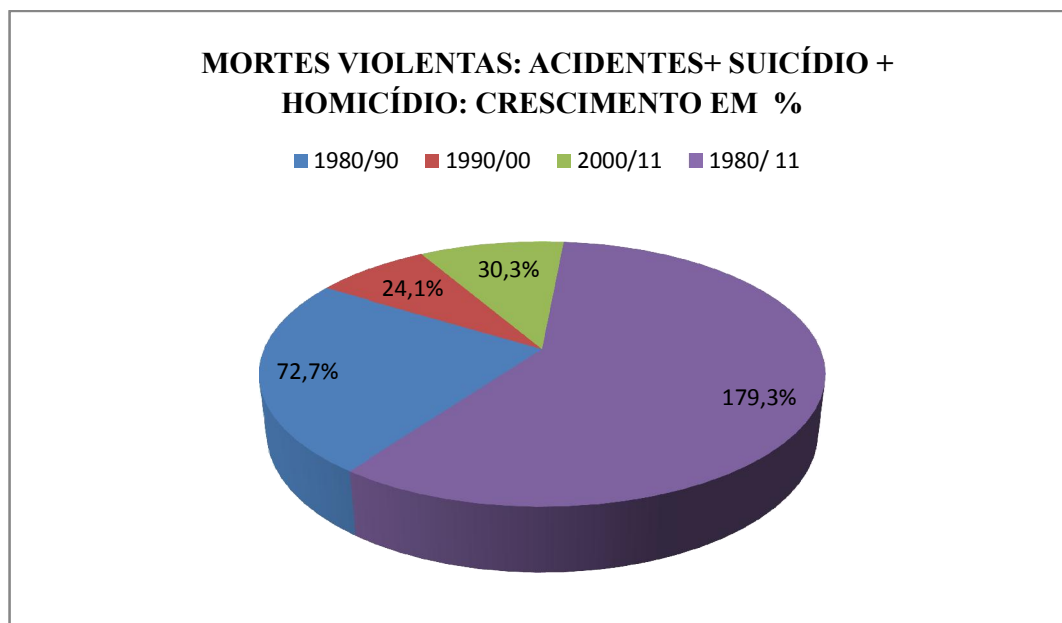
Segundo Julio Jacobo, usufruindo dos dados do Subsistema de Informação sobre Mortalidade (SIM), na década de 80 (oitenta) as chamadas ‘causas externas’ já estavam aumentando sua parcela no índice de mortalidade da população mais jovem em todo o país: 52,9%, o que já configurava um pouco mais da metade. Por conseguinte, em 2011 esta porcentagem sobe para 73, 2%, ou seja, dos 46.920 registros de óbitos juvenis, 34.336 foram originados pelas causas externas, isto é 3/4 da juventude (WAISELFISZ, 2013, p.13).

Conforme os dados fornecidos pelo SIM, podemos perceber como a violência cresceu nas últimas décadas. Embora os acidentes de trânsito tenham crescido, é possível verificarmos pelos gráficos abaixo como o suicídio teve relevante crescimento – de 3.896 (1980) para 9.852 (2011) – e como o homicídio deu um salto preocupante – de 44.553 (1980) para 52.198 (2011).

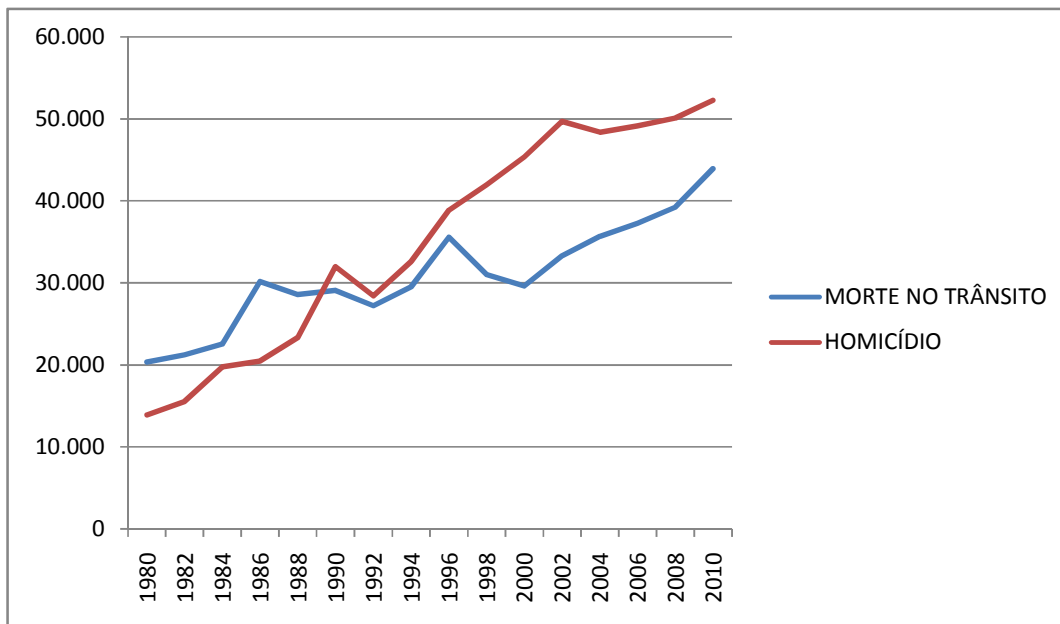
3.3.1.1 Gráfico com índice de violência por 'causas externas' segundo causa (óbitos por 100 mil) população total do Brasil. 1980/2011.



3.3.1.2 Gráfico com índice de violência por 'causas externas' em porcentagem.



3.3.1.3 – Gráfico com evolução das taxas de homicídio e mortes no trânsito. Brasil: 1980/2010



Assim, percebemos como o índice de morte violenta aumentou devido às nomeadas 'causas externas'. O Magistério da Igreja já asseverava que:

A paz é fruto da ordem que o seu Fundador divino inseriu na sociedade humana [...] [e que o] ideal de paz não é possível obter [...] sem que garanta o bem-estar das pessoas, sem que os homens comuniquem entre si espontaneamente as riquezas do seu coração e da inteligência (COMPÊNDIO DA DOCTRINA SOCIAL DA IGREJA, 2005, p. 276).

Ao se contemplar os sobreditos índices, verificando o aumento dos suicídios e homicídios, é possível constatar a falta desta ordem divina no decorrer das últimas décadas e, por que não, também em nossos tempos atuais. Ora, se há esta exclusão da ordem estabelecida por Deus, sendo que esta ordem é causa primeira da paz, então dificilmente o homem conseguirá comunicar as riquezas do seu coração e inteligência, uma vez que esta última estará sempre presa aos efêmeros critérios racionais. Assim, a violência mais facilmente ganha expansão.

Com efeito, ainda ensina o Compêndio da Doutrina Social “a violência é uma mentira, pois que é contrária a verdade de nossa fé, à verdade de nossa humanidade. [Destruindo] a dignidade, a vida, a liberdade dos seres humanos” (2005, p.276). Portanto, sem fé em Deus e desconsiderando seus preceitos dificilmente se conseguirá controlar o preocupante crescimento da violência.

3.3.2 Fatores geradores de violência

Muitos autores buscaram dar uma explicação plausível para as causas da violência. Segundo Freud todo homem já teria uma predisposição inata à violência, entendendo que em virtude do meio no qual o homem é gerado, que segundo o pensador, é um ambiente violento fruto de uma sociedade violenta (FREUD *apud* AZEVEDO,2004).

Desta forma, o indivíduo já por natureza estaria ‘condenado’ a violência, uma vez que isto estaria predeterminado já pelo simples fato de sua existência. Segundo esta lógica, o homem seria apenas produto do meio em que vive o que coaduna com a concepção de Karl Max.

Segundo Anna Freud, a violência surge num indivíduo cujo equilíbrio interno está perturbado e a personalidade entra em choque com o meio no qual o mesmo está inserido. Conforme a estudiosa, estudos realizados em pessoas que cometeram delitos atestam que graves distúrbios emergiram a partir do momento que houve uma ruptura com a identificação com os pais, seja devido a divórcios, rejeições ou algo que possa ter estorvado os relacionamentos naturais entre uma criança e as figuras parentais (ANNA FREUD *apud* AZEVEDO, 2004).

A violência, portanto, pode ser gerada por uma privação que o indivíduo possa ter sofrido em sua infância, algo que aconteceu de forma tão profunda que marcou a personalidade do mesmo indivíduo gerando em sua vida perturbações que não de repercutir de maneira violenta na sociedade, sendo capaz de causar até mesmo prejuízo à vida de outrem. Neste aspecto, assevera Anna Freud:

O cidadão normal, perante a lei, perpetua a posição infantil de uma criança ignorante e complacente, em face aos seus pais oniscientes e onipotentes. O delinquente perpetua a atitude da criança que ignora ou menospreza, ou desobedece à autoridade parental e atua em desafio desta (ANNA FREUD *apud* AZEVEDO, 2004).

Segundo o sociólogo e filósofo Émile Durkheim, a responsabilidade pelos índices de violência estaria vinculada “a densidade demográfica, o desenvolvimento econômico, social e cultural de uma sociedade [que] fomentam as desigualdades e conseqüentemente os desvios à norma” (DURKHEIM *apud* AZEVEDO, 2004). Assim, o próprio desenvolvimento social seria causa de comportamentos violentos.

No entanto, para Sônia Azevedo, o problema da violência já estaria presente nos próprios instrumentos de comunicação, de maneira particular, na televisão a qual – através de desenhos animados – ensina que, mesmo subliminarmente, é lícito usar da violência para se conseguir o fim almejado:

As crianças assistem a desenhos animados televisivos nas quais as [melhor: nos quais os] personagens utilizam a violência para conseguir os seus intentos, por vezes são atos nobres tais como salvar um amigo em perigo ou para salvar o planeta. O poder de sedução da televisão e a capacidade de imitação das crianças formam uma cumplicidade que pode atuar perigosamente na formação cognitiva destas. Neste sentido, Pino Juste (1998: 133) é da opinião que para estas crianças a violência é ‘algo normal’, utilizam-na como ‘arma quando consideram que ela é eficaz para conseguir os seus propósitos’ (AZEVEDO, 2004).

A violência pode ter multiformes faces, no entanto – num sentido mais estrito – a mesma tem como característica definida uma “ruptura brusca da harmonia num determinado contexto” (AZEVEDO, 2004). Tal ruptura pode acontecer conforme uma série de fatores como emprego da força física, psíquica, moral, ameaças etc. Em suma, os atos violentos têm sua base numa distorção da concepção dos valores morais os quais levam o indivíduo a atuar segundo certas convicções absolutamente distorcidas.

O criminalista Mariz de Oliveirasalienta que a violência vai se desenvolvendo não somente devido à evolução da época, mas também por uma séria desestrutura formativa dos pais e da sociedade para com as crianças e os jovens. Segundo o mesmo, a questão se agravou a tal ponto que vigora ao que vai definir como: ‘violência sem causa’.

Esta violência urbana, do assaltante, do esturador, teve sua raiz no social, impulsionada pelo consumismo que tomou conta do país. Hoje, as questões sociais e algumas de caráter econômico, como a ampliação do crédito, estão se desprendendo do crime, ou o crime está se desprendendo delas. Temos uma criminalidade extremamente preocupante, a violência sem causa. Isso demonstra um desamor, um desrespeito à vida humana. Mesmo sob a ótica do criminoso, a violência não apresenta nenhuma razão de ser. O assaltante despoja você de todos os seus bens e depois dá um tiro na cara. O professor morre porque deu nota baixa ao aluno. Estamos diante de uma violência de caráter patológico [...] A infância e a adolescência não são mais as mesmas de 30 anos atrás. Não há mais ingenuidade, aquele elevado grau de pureza. Por causa dos avanços tecnológicos, a sociedade é mais liberal, os pais tratam os filhos de maneira mais democrática. Isso dá às crianças um acesso prematuro a informações de todas as espécies (OLIVEIRA *apud* BOMBIG, 2013).

3.3.3 Desestrutura familiar e Violência

O divórcio interrompe o processo educacional e desintegra a unidade, princípio educador solidário. As consequências que estes fatos têm na formação da criança e do jovem são de tal importância que se chegou a estabelecer em diferentes países uma equação de proporcionalidade entre divórcio e delinquência infantil. Nos Estados Unidos têm-se registrado que cerca de 40% das crianças abandonadas são filhos de casais divorciados. Na Bélgica quase 80% dos casos de delinquência ou mau procedimento dos menores, foram provocados, ou pelo menos influenciados, pelo fato de pertencerem a meios familiares desorganizados, procedentes especialmente de pais divorciados. O Instituto de Política Criminal de Moscou constatou que 90% dos delinquentes infantis provinham de famílias desunidas. Na França a porcentagem eleva-se a 70% (RODRIGUEZ *apud* DOM CIFUENTES, 2000, pp. 107-108).

Segundo Perpiña Rodrigues, a desestrutura na família causa danos ao processo educacional e dirime o princípio de educação solidária. Com feito, a fragmentação de uma família gera conseqüentemente sérios danos à vida de uma criança ou jovem, alavancando desestruturas emocionais que levam a casos de delinquência entre os menores, uma vez que o divórcio por ser um “retrocesso moral” (COMTE *apud* DOM CIFUENTES, 2000, p.100) leva mais facilmente a “apetites desenfreados” (2000, p. 100).

Neste aspecto, a desestrutura familiar contribui para uma geração de indivíduos desagregada de valores ou, senão, com uma séria dificuldade para assimilá-los. Segundo a educadora Silvia Gaspar:

Uma família bem estruturada é fundamental no que se refere à formação das crianças e jovens como futuros membros de uma sociedade. ‘É na família que se vive e se assimila, para toda a vida,

os valores fundamentais do homem e neste relacionamento estreito, com forte ligamento de afeto e cumplicidade é que, em geral, se baseia a conduta de cada um dos cidadãos, quer numa cidadezinha de interior ou numa metrópole' (GASPAR *apud* ARAÚJO, 2011).

A educadora enfatiza a necessidade de uma família bem ajustada, para que os jovens e as crianças tenham uma formação sólida, uma vez que a família proporciona a vivência dos valores fundamentais, a fim de que o homem possa ter um relacionamento maduro e tranquilo com o seu semelhante, independentemente se é numa grande cidade ou num povoado do recôndito brasileiro. Segundo a mesma, uma família bem estruturada gera indivíduos equilibrados capazes de somar na sociedade para seu justo progresso.

No entanto, Silvia Gaspar delinea alguns 'mecanismos problemáticos' que prejudicam drasticamente a estrutura familiar, sendo que os mesmos estão ligados:

As dificuldades sérias encontradas na condução da educação dos filhos; condutas que favorecem um consumismo exacerbado; desatenção à intromissão sem critérios dos meios de comunicação de massa; desvalorização do aspecto da espiritualidade na formação humana (GASPAR *apud* ARAÚJO, 2011).

Destarte, percebemos que as dificuldades na educação dos filhos, a falta de critério na questão da aquisição das coisas; o que conduz a um consumo exacerbado, a grande influência dos meios de comunicação que – quando vistos sem censura – geram graves danos e a relativização da espiritualidade contribuem negativamente para uma formação humana e ajustada, uma vez que como seria possível tratarmos de ações virtuosas como o perdão, a paz, o amor desinteressado, excluindo o próprio Autor destas virtudes?!

Na visão da educadora Silvia Gaspar, famílias acometidas pelas mencionadas dificuldades, muitas vezes, geram "indivíduos inseguros, carentes de valores, de afeto, prejudicados socialmente, sem força de atuação na própria vida e também no convívio social" (GASPAR *apud* ARAÚJO, 2011).

Nesta perspectiva, em base de estudos psicológicos bem atuais, a supracitada educadora elucida que ficaram comprovadas que as relações parentais: pai, mãe, filhos e irmãos são uma realidade essencial e indispensável na vida de um indivíduo. Sendo que a dirupção destas relações

intrínsecas pode “desencadear uma série de situações de desequilíbrio e sofrimento que vai do aspecto individual e psicológico, ao aspecto comunitário e social, até com patologias mais sérias”(GASPAR *apud* ARAÚJO, 2011).

Segundo a socióloga Vera Araújo, portanto, o desmoronamento da família tem como consequência a geração de pessoas que não compreendem o sentido do amor, uma vez que o amor não se restringe ao simples emocional, mas precisa ser aprendido. Como elucida a socióloga: “O amor de uma mãe, por exemplo, é concreto e o filho sabe que é concreto, pois a mãe cuida dele e se sacrifica por ele” (2011).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

“Senhor, mostra-nos o Pai e isso nos basta” (Jo 14,8).

A Sagrada Escritura dá muitos testemunhos a nós de como é importante para pessoa humana recorrer a Deus, para que encontre a verdadeira paz em sua vida. A tentativa de se conseguir essa verdadeira paz em detrimento do seu Autor gera apenas desilusões e leva o homem a um vazio existencial.

Se Deus é o Senhor da paz, o que desenvolvemos no decorrer deste trabalho, então se deve buscar, antes de tudo, seu auxílio para conquistar a paz e comunicá-la aos demais. Tentar fazê-lo sem o auxílio do alto, seria como um caminhar em círculos contemplando pequenas centelhas do que se almeja, sem conseguir, por conseguinte, a realização plena da paz no seu sentido mais pleno.

“Vinde a mim, [diz Jesus Cristo] vós que estais cansados e fatigados sob o peso de vossos fardos e encontrareis descanso” (Mt 11,3). Com este convite, o Bom Mestre aponta à humanidade o caminho, para que encontre uma paz restauradora. Com efeito, o próprio caminho é o Senhor Deus. Sem esse auxílio, nada o homem pode e o que pensa conquistar, aliás, esfacela-se com as vicissitudes da vida.

“Sem mim, nada podeis fazer” (Jo 15,5). Com esta afirmação, Deus não nos dispensa de uma busca constante para prática do bem, uma vez que o próprio Senhor deu-nos o livre arbítrio justamente, para que à luz da sua divina graça possamos praticar o bem. Por isso que – perpassando pela Sagrada Escritura, pronunciamentos de Papas como São João Paulo II, São João XXIII e Francisco; contemplando pensamentos de grandes filósofos como Santo Agostinho e São Tomás de Aquino ou, até mesmo, de egrégias literaturas como a de Dostoiévski – podemos perceber que a conquista da paz verdadeira pressupõe um caminhar segundo os preceitos divinos.

Outra grande coluna basilar para a realização da paz é a família, célula mãe da sociedade, porque é na família onde se aprendem os verdadeiros valores os quais nortearão a vida do futuro cidadão. A família é a grande escola

de valores e nela a pessoa, desde sua tenra idade, vai aprendendo a viver em sociedade, a perdoar, amar, dividir etc. Por isso, que partindo de dados estatísticos do SIM (Subsistema de Informação sobre Mortalidade [exemplo: gráfico 3.3.1.1]) observou-se, a partir de considerações posteriores, que a mortalidade teve um relevante aumento paralelo a desestrutura familiar.

Com efeito, se 'a escola de valores' está fragmentada, onde o futuro cidadão haverá de aprender os valores que regerão sua vida?! Faz-se mister ressaltar que o presente trabalho não intentou, nem de longe, generalizar como *conditio sine qua non* que maus cidadãos só provêm de famílias desestruturadas. No entanto, através de dados factuais, mostrou-se que os grandes males pelos quais a sociedade passa hoje emergem da desestrutura psicológica, moral ética e religiosa que o indivíduo carrega consigo pela falta de valores que o mesmo deveria haurir em um ambiente familiar.

Portanto, a fim de que a sociedade possa realmente conseguir a paz, no seu sentido mais profundo, precisa necessariamente ser amparada por dois fundamentos: Deus e a Família. Deus, por ser o autor supremo da paz, comunica-a a nós como dom; e a família, por ser a escola dos valores, vai ensinar como viver a paz e promovê-la na sociedade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de Filosofia*. 6ª ed. Tradução de Alfredo Bosi. São Paulo: WMF Martins Fontes Ltda, 2012.

AQUINO, Santo Tomás. *Suma Teológica: I-II*. 2ª ed. São Paulo: Edições Loyola, 2003. 9 v.

AGOSTINHO, Santo. *Sobre o Sermão do Senhor na Montanha*. 2ª ed. Tradução de Carlos Ancêde Nougé. Campo Grande/Rio de Janeiro: Edições Santo Tomás, 2003.

_____. *La ciudad de Dios*. 5ª ed. Traducion de Santos Santa Marta del Rio y Miguel FuertesLanero. Madrid: Biblioteca de autores cristianos, 2004. v. 2. 1080 p. (Obras completas de San Agustín, XVII).

ARAÚJO, Vera. *Famílias desestruturadas geram indivíduos desequilibrados*. Disponível em: < <http://noticias.cancaonova.com>>. Acessado em 10 de julho 2013.

AZEVEDO, Sônia. *A violência nas escolas como resultado dos problemas de inadaptação social*. Disponível em:<<http://br.monografias.com/violencia-nas-escolas>>. Acesso em: 16 de maio 2013.

BORN, A. Van Den. *Dicionário Enciclopédico da Bíblia*. 6ª ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2004.

BÍBLIA SAGRADA. *Os Santos Evangelhos*. Tradução: José A. Marques. Braga: Edições Theologia, 1994.

CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA. Edição Típica Vaticana. São Paulo: Editora Vozes; Edições Loyola, 1999.

CIFUENTES, Rafael Llano. *Novo Direito Matrimonial Canônico*. 2ª Ed. Rio de Janeiro: Editora Marques Saraiva, 2000.

COMPÊNDIO DA DOCTRINA SOCIAL DA IGREJA: Pontifício Conselho Justiça e Paz. Tradução: Conferência Nacional dos Bispos do Brasil. São Paulo: Paulinas, 2005. 528p.

DOSTOIÉVSKI, Fiódor. *Irmãos Karamázov*. 1ª ed. Tradução: Herculano Villas-Boas. São Paulo: Martin Claret, 2013.

FRANCISCO, Papa. *Carta Encíclica Lumen Fidei: A luz da fé*. 1ª edição. Brasília: Edições CNBB, 2013. (Documentos Pontifícios, n.16).

FRANCISCO, Papa, *A paz não é uma saudação, e nem um simples desejo: é um dom de Cristo*. Disponível em: <<http://www.zenit.org.br>>. Acesso em: 01 de novembro 2013.

JOÃO XXIII, Papa. *Carta encíclica Pacem in terris*. A paz de todos os povos na base da verdade, justiça caridade e liberdade. Roma: [s.n.], 1963.

MURGA, José Ramón García. *El Dios del amor y de la paz*. Disponível em: <<http://books.google.com.br>>. Acesso em: 10 de Outubro 2013.

OLIVEIRA, Antônio Cláudio Mariz, apud Alberto Bombig. *Vivemos a era da violência sem causa*. Disponível em: <<http://revistaepoca.globo.com>>. Acessado em 20 de maio 2013.

PAULO II, Papa João. *A missão da família cristã no mundo de hoje*: Exortação Apostólica. 18ª Ed. São Paulo: Paulinas, 2004.

WAISELFISZ, Júlio Jacobo. *Mapa da Violência 2013: Homicídios e Juventude no Brasil*. Disponível em: <<http://www.mapadaviolencia.org.br>>. Acesso em: 08 de Outubro 2013.

WIKIPEDIA. Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/violencia>>. Acesso em: 18 de maio 2013.